



Interferência da humanização na casuística da obesidade em cães

Interference of humanization in the case series of obesity in dogs

Pedro Hilário Arantes¹
Sávio Tadeu Almeida Júnior²
Breno Henrique Alves³

Resumo

O relacionamento do homem com os animais vem desde a antiguidade, sendo no início focada na sobrevivência do homem, mas após mudanças alguns animais tornaram-se domesticados, sendo o cão o primeiro domesticado pelo homem. A domesticação é decorrência da relação do homem com o animal, sendo provocada pelo isolamento genético de uma população animal do seu ancestral e por alterações na criação desses animais, que trazem como resultados adaptações e mudanças morfológicas, fisiológicas e comportamentais. Antropomorfismo, de origem grega (*anthropos*: humano e *morphé*: forma), é atribuir características humanas a seres não humanos, sendo a transição demográfica um dos elementos responsáveis pelo início da humanização dos cães. Existem estudos indicando benefícios da relação homem-animal, desde que respeitadas as características da espécie, caso contrário o animal deixa de manifestar seu comportamento natural, impactando-o negativamente. Devido ao crescente fenômeno de humanização, preocupações surgiram, relacionadas a situações que influenciam negativamente no comportamento e no bem-estar animal, como obesidade, sendo vários os fatores que podem contribuir para a sua ocorrência. Ela é a principal doença que atinge os cães humanizados, e conseqüentemente aumenta a predisposição a outros problemas de saúde. A capacidade de identificar transtornos oriundos da humanização e a conscientização dos tutores sobre os impactos causados ao animal, ajudam no planejamento preventivo e também no tratamento mais eficaz para aqueles casos já existentes. Portanto, é notória a importância do veterinário neste cenário, para subsidiar os ramos do direito que tutelam as relações entre humano-animal de modo a buscar equilíbrio entre necessidade humana e bem-estar animal. Diante da importância do tema na atualidade, o trabalho tem como objetivo investigar e avaliar a interferência da humanização na casuística da obesidade canina, através de questionário eletrônico disponibilizados de forma anônima e voluntária a tutores desses animais.

Palavras-chave: Antropomorfismo; Saúde; Obesos.

¹Bacharel em Medicina Veterinária, Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. E-mail: pedro.arantes1@alunos.unis.edu.br

²Doutor em Ciências Veterinárias, Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. E-mail: savio.junior@unis.edu.br

³Mestre em Ciências Veterinárias, Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. E-mail: breno.alves@unis.edu.br

Abstract

The relationship between man and animals we have seen since ancient times, not initially focused on man's survival, but later changing some of the animals became domesticated, being domesticated for the first time by man. Domestication is the relationship between home and animal, being caused by the genetic isolation of an animal population from its ancestor and by changes in the breeding of these animals, which result in adaptations and morphological, physiological and behavioral changes. Anthropomorphism, of Greek origin (anthropos: human and morphé: form), is attributing human characteristics to non-human beings, referring the demographic transition to two elements responsible for the beginning of the humanization of two cells. There are studies indicating benefits of the human-animal relationship, as once the characteristics of the species are respected, otherwise the animal stops demonstrating its natural behavior, having a negative impact. Due to the growing phenomenon of humanization, concerns arise, related to situations that negatively influence the behavior and poor well-being of an animal, such as obesity, with several factors that can contribute to its occurrence. It is the main problem that affects humanized children, and consequently increases their predisposition to other health problems. The ability to identify disorders arising from humanization and the awareness of owners about the impacts caused to the animal, assists in preventive planning and also in more effective treatment for those cases that already exist. Therefore, the importance of the veterinarian in this scenario is noted, to support the branches of law that protect human-animal relations in order to seek balance between human needs and animal well-being. Given the importance of the topic in the current situation, the objective of the work is to investigate and evaluate the interference of humanization in the case of canine obesity, through electronic questionnaires made available anonymously and voluntarily to the owners of these animals.

Keywords: Anthropomorphism; Health; Obese.

1. INTRODUÇÃO

O relacionamento do homem com os animais vem desde a antiguidade, sendo no início focada na sobrevivência do homem, mas após mudanças nessa relação alguns animais tornaram-se domesticados (ALMEIDA; PAZ; OLVEIRA, 2020), sendo o cão o primeiro domesticado pelo homem (PACHECO, 2021; FRANTZ et al., 2016). A domesticação é decorrência da relação do homem com o animal, sendo provocada pelo isolamento genético de uma população animal do seu ancestral e por alterações na criação desses animais, que trazem como resultados adaptações e mudanças morfológicas, fisiológicas e comportamentais

(BIANCHI, 2020).

O termo antropomorfismo, de origem grega (*anthropos*: homem/humano e *morphé*: forma/aparência), é a atitude de atribuir características humanas a seres não humanos (GRAMA; CORNELIO; CREADO, 2021). Segundo Machado (2016), a transição demográfica um dos elementos responsáveis pelo início da humanização dos cães, e existem estudos indicando diversos benefícios da relação homem-animal, desde que respeitadas as características da espécie, caso contrário o animal deixa de manifestar seu comportamento natural, impactando-o negativamente (PACHECO, 2021).

Devido ao crescente fenômeno de humanização, preocupações éticas surgiram, relacionadas a situações que influenciam e interferem negativamente no comportamento e no bem-estar animal (CROSSMAN, 2017), como obesidade. Segundo Aptekmann et al. (2014) vários são os fatores que podem contribuir para a sua ocorrência da obesidade (raça, idade, genética, distúrbios fisiológicos, fármacos, estresse, manejo reprodutivo e realizado pelo tutor, o modo de vida do tutor, e a humanização). Ela é a principal doença que atinge os cães humanizados, e conseqüentemente aumenta a predisposição a outros problemas de saúde, como doenças articulares, cardíacas, hipertensão, respiratórias, cálculos renais, diabetes mellitus (PROVIDELO; TARTAGLIA, 2013). A capacidade de identificar transtornos oriundos da humanização e a conscientização dos tutores sobre os impactos causados ao animal, ajudam no planejamento preventivo e também no tratamento mais eficaz para aqueles casos já existentes (BACAN, 2021). Portanto, é notória a importância do veterinário neste cenário, para subsidiar os ramos do direito que tutelam as relações entre humano-animal de modo a buscar equilíbrio entre necessidade humana e bem-estar animal (GOES; MARUCO; SILVA, 2021).

Diante da importância do tema na atualidade, o trabalho tem como objetivo investigar e avaliar a interferência da humanização na casuística da obesidade em cães, através de questionário eletrônico disponibilizados de forma anônima e voluntária a tutores desses animais.

2. Referencial Teórico

2.1 A domesticação

O relacionamento do homem com os animais vem desde a antiguidade. No início essa relação era focada na sobrevivência do homem, onde o animal auxiliava na proteção, caça e

transporte de objetos, e em contrapartida recebia cuidados. Essa relação foi se modificando e alguns animais ficaram cada vez mais próximos do homem, tornando-se domesticados (ALMEIDA; PAZ; OLVEIRA, 2020). O primeiro animal domesticado pelo humano foi o cão, e um dos fundamentos sobre a sua descendência é a de que esses animais descendem de dois grupos de lobos, que vivem em matilha e tem um líder (PACHECO, 2021; FRANTZ et al., 2016). Segundo Schoenebeck, Ostrander (2013), os lobos mais tranquilos e com menos potencial para caça foram selecionados e os mesmos escolheram o homem como líder da matilha, e isso iniciou o processo de domesticação. Botigue et al. (2017) cita que pesquisas apontam que o cão se diferenciou do lobo entre 40 e 10 mil anos atrás.

Overall (2013) diz que o que permitiu instaurar a aproximação e confiança entre humano e cão foi a evolução conjunta entre essas duas espécies, através da reunião de características semelhantes, do reconhecimento do poder do esforço colaborativo, seguido do esforço secundário e de alterações cerebrais equivalentes. Portanto, a domesticação é decorrência da relação do homem com o animal, sendo provocada pelo isolamento genético de uma população animal do seu ancestral e por alterações na criação desses animais, que trazem como resultados adaptações e mudanças na morfologia, na fisiologia e no comportamento dos envolvidos (BIANCHI, 2020).

2.2 O antropomorfismo

O termo antropomorfismo é de origem grega (*anthropos*: homem/humano e *morphé*: forma/aparência), que significa algo que tem forma humana. Ou seja, é a atitude de atribuir características humanas a seres não humanos (como os cães) (GRAMA; CORNELIO; CREADO, 2021).

2.3 A humanização dos cães

De acordo com Abinpet (2021), o Brasil é o segundo país com maior número de cachorros, perdendo a posição apenas para os Estados Unidos. Uma pesquisa feita pela Organização Não-Governamental Proteção Animal Mundial mostrou que dos cinco países entrevistados (Brasil, China, Índia, Quênia e Tailândia), o Brasil é o país no qual as pessoas mais tem cachorros, e que dos entrevistados brasileiros que são tutores de cães, 94% têm seus pets como membros da família. A transição demográfica foi um dos elementos responsáveis

pelo início da humanização dos cães, sendo um fenômeno que aconteceu primeiramente nos países de primeiro mundo, e levou à redução do número de filhotes e até mesmo à ausência destes nas casas (MACHADO, 2016). Ademais, atualmente muitas casas são compostas por humanos e animais, e muitos casais optam por ter filhotes mais tarde ou até mesmo não terem filhotes, colocando o cão para assumir esse papel (AGUIAR; ALVES, 2021).

Segundo Pacheco (2021), existem estudos indicando que há diversos benefícios da relação entre animais de companhia e humanos, por exemplo: aumento dos exercícios físicos, uma vida menos estressante e menores índices de depressão ou auxílio no processo da doença, o que também impacta positivamente na saúde fisiológica do homem. E esta proximidade trouxe também um maior cuidado com os animais (e isso fortaleceu o crescimento do mercado pet), o que permitiu detectar precocemente problemas de saúde nesses animais, aumentando as chances de sucesso na busca por uma solução. Waytz, Cacioppo, Epley (2014) e Waller et al. (2013) citam ainda que toda essa mudança gerou mais engajamento da sociedade para as causas animais, como ter mais empatia, incentivar práticas veganas e o aumento da adoção. Ou seja, o bem-estar é mútuo, desde que exista respeito com as características da espécie, pois quando não respeitadas, o animal deixa de manifestar seu comportamento natural, impactando-o negativamente (PACHECO, 2021).

2.4 Impactos negativos da humanização da vida dos cães

Devido ao crescente fenômeno de humanização dos cães, preocupações éticas surgiram, relacionadas a situações que influenciam e interferem negativamente no comportamento e no bem-estar animal (CROSSMAN, 2017). Afinal, os cães respondem conforme o meio em que estão inseridos e acostumados (BACAN, 2021). Dall’Agnoll (2016) considera os animais de companhia como quase transicionais, por estarem entre a esfera animal-humano, sendo que as características caninas que ainda demonstram são abrandadas com a influência do humano após castrarem e adestrarem seus cães, como o latido, o cheiro e a maneira de reproduzir.

Algumas situações que impactam negativamente na saúde dos cães são: permanência de cães por muito tempo sozinhos em ambientes pequenos e restritos, impossibilitando o mesmo de manifestar seu comportamento natural (CROSSMAN, 2017); intensa aproximação pet-tutor, desenvolvendo uma relação de dependência, que pode desencadear doenças psicológicas, como a síndrome de ansiedade de separação (SAS) no animal, quando o mesmo é separado da sua figura de apego, tendo como resposta mudanças fisiológicas e comportamentais como

vocalização excessiva, estrago de objetos, micção e defecação em locais incomuns, vômito e lambadura compulsiva em membros e flanco (BACAN, 2021); rotina corrida e agitada do tutor, que fica sem tempo para as necessidades do pet, podendo desencadear no cão agressividade e automutilação em casos extremos (PROVIDELO; TARTAGLIA, 2013); alimentação inadequada, aumentando as chances de desenvolvimento de doenças alimentares, como a obesidade (PACHECO, 2021); falta de liderança do tutor (por omissão do mesmo), fazendo com que o cão assuma a posição de líder, desencadeando assim conflitos comportamentais, como agressividade, acesso e controle de recursos (FELIZOLA, 2015; SOARES, 2014); projetar sentimentos humanos no animal, ignorando sua condição natural apenas para satisfação pessoal, ignorando os impactos negativos que causará ao animal, como nos casos de guarda compartilhada (GRAMA; CORNELIO; CREADO; 2021); a falta de compreensão do tutor aos sinais apresentados pelo animal, levando a situações de maus tratos, abandono ou até mesmo coisas piores a esses animais (PAIXAO; MACHADO, 2015).

Portanto, a humanização dos cães pode ser danosa ao mesmo, se não forem consideradas as necessidades naturais da espécie, mas pode ser aceitável, desde que não aconteça exageradamente e venha atrelada a benefícios para esses animais (como alimentação adequada e cuidados que a espécie necessita (LIRA, 2018).

2.5 A obesidade nos cães

Oliveira et al. (2011) define a obesidade como um acúmulo excessivo de gordura no corpo, consequência do balanço energético positivo. Segundo Aptekmann et al. (2014) vários são os fatores que podem contribuir para a obesidade nos cães, como a sua raça, idade, genética, distúrbios fisiológicos, fármacos, estresse, manejo reprodutivo e realizado pelo tutor (como fornecimento de alimentos inadequados ou em quantidade inadequada), o modo de vida do tutor (como sedentarismo e má alimentação) que refletem os maus hábitos no seu pet, e a humanização. Por isso faz-se necessário e é importante investigar também o estilo de vida e as ações do tutor, para melhor compreensão da etiologia da obesidade no animal e até mesmo prevenir que isso ocorra (LIMA, 2016).

A obesidade é a principal doença que atinge os cães humanizados, pois a grande aproximação com o tutor pode modificar o plano alimentar do animal, pois o pet passa a receber alimentos de humanos, não existindo muitas vezes limite entre o que é alimento exclusivo para pet e aqueles exclusivos para os humanos, tendo como consequência o excesso de fornecimento

de alimentos inadequados e a obesidade (PROVIDELO; TARTAGLIA, 2013). Além da questão alimentar, o cão reconhecido como membro da família e mantido por mais tempo dentro de casa facilita o estilo de vida sedentário, devido ao ambiente em que está inserido diminuir as chances de praticar exercícios físicos (GERMAN, 2016). Com isso, aumenta-se a predisposição a outros problemas de saúde, como doenças articulares, cardíacas, hipertensão, respiratórias, cálculos renais, diabetes mellitus (PROVIDELO; TARTAGLIA, 2013).

2.6 Conscientização e prevenção

De acordo com Aptekmann et. al. (2014), há estudos que mostram a grande influência que tutores obesos têm sobre a obesidade nos seus cães, sendo essa correlação feita com o excesso de humanização sob esses animais. A capacidade de identificar transtornos oriundos desse fenômeno e a conscientização dos tutores sobre os impactos causados ao animal, ajudam no planejamento preventivo e também no tratamento mais eficaz para aqueles casos já existentes (BACAN, 2021), pois com o reconhecimento de situações que podem ocasionar no animal algo incomum e prejudicial à sua espécie, é possível prevenir ou até mesmo solucionar problemas existentes, e conseqüentemente cuidar da saúde e do bem-estar desse cão. E conforme cita Grama, Cornelio, Creado (2021), devido natureza consumista, não fica bem definido se tais escolhas dos tutores são de fato visando o bem-estar animal ou a sua satisfação pessoal, visto que nenhum animal possui interesse em certas escolhas (como possuir rede social ou utilizar roupa), sendo importante saber fazer essa diferenciação.

Como exemplos de cuidados tem-se: compreender os sinais clínicos e os fatores que causam problemas comportamentais e fisiológicos, para possibilitar a promoção do bem-estar animal, do tutor e o estabelecimento de uma relação saudável entre os dois (PAIXAO; MACHADO, 2015); utilizar de terapias em casos necessários, que auxiliará o animal tolerar as ausências do tutor e corrigirá problemas específicos do comportamento (DIAS et al., 2013); o tutor assumir o papel de liderança na relação com o cão, para ter controle e impedir a disputa por essa posição e comportamentos indesejados do animal (LIRA, 2018); passeios diários, que ocasionam diminuição do nível de energia do pet, proporcionando relaxamento, possibilitam maior interação entre tutor-animal, o desenvolvimento da disciplina e a socialização com outros cães (MILLAN, 2013; APIPA, 2020). Segundo German (2016), é recomendado que os cães realizem atividade física por no mínimo 30 minutos por dia. Questões que direta ou indiretamente influenciam na questão de peso e conseqüentemente ocorrência ou não de obesidade nos cães.

Portanto, é notório o interesse do assunto dentro da veterinária e também a importância do papel do médico veterinário neste cenário, visando subsidiar os ramos do direito que tutelam as relações entre humano-animal de modo a buscar equilíbrio entre necessidade humana e bem-estar animal (GOES; MARUCO; SILVA, 2021).

3. Metodologia

A pesquisa foi do tipo exploratória, com abordagem qualitativa e quantitativa, para compreender a interferência da humanização na casuística da obesidade em cães. Foi utilizado um questionário. De acordo com Gil (2008), ele é um método de pesquisa muito usado em trabalhos em que é necessário realizar levantamento e coleta de dados para obter estatísticas referente a um assunto, por meio do qual obtém-se respostas mais objetivas, alcança-se um maior número de entrevistados, garante-se o anonimato dos participantes, trata-se de um método mais econômico e prático devido aos vários meios possíveis de realização e envio, e permite uma maior flexibilidade no tempo de resposta. Chaer, Diniz, Ribeiro (2011) cita que junto ao questionário é importante conter informações sobre a pesquisa realizada e sua relevância, vez que esse fator estimula a motivação das pessoas responderem a pesquisa e transmitir mais seriedade ao trabalho.

O objetivo do questionário deste trabalho foi entrevistar tutores de cães, reunir os dados coletados, organizá-los em gráficos para análise e comparativo crítico com trabalhos publicados, sobre como a humanização pode impactar negativamente na saúde dos animais, especialmente na casuística da obesidade, a importância da conscientização desses tutores sobre o bem estar animal, as necessidades que cada espécie tem, e dos cuidados necessários para garantir qualidade de vida aos pets.

Para facilitar a relação tempo e espaço e adequar à rotina das pessoas entrevistadas, o método de entrevista foi no formato de questionário eletrônico na ferramenta do Google Forms, que foi divulgada em mídias sociais, sendo a participação dos tutores de forma voluntária e anônima. O questionário foi aplicado de 11 a 21 de junho de 2023 e contou com perguntas objetivas, para melhor padronização, reunião e comparação dos dados coletados, abrangendo questões que envolvem o animal e também o tutor, visto que tais informações são importantes para compreensão do todo. Os dados coletados foram arranjados em gráficos de pizza e tabelas, para melhor disposição e avaliação das informações.

4. Resultados e análises

O questionário criado na ferramenta Google Forms obteve um total de 73 respostas, sendo que deste total, 60 (82%) são tutores do sexo feminino, e 13 (18%) tutores do sexo masculino. Com relação à idade dos tutores, 48 (66%) tem entre 18 e 29 anos, 11 (15%) tem de 30 a 39 anos,

6 (8%) tem até 17 anos, 7 (10%) tem de 40 a 49 anos, e 1 (1%) tem de 50 a 59 anos. Não houve resposta de tutores de 60 anos ou mais. Considerando que cada questionário respondido é referente a um cão, 41 (56%) são fêmeas, e 32 (44%) são machos. Com relação à idade dos cães, 31 (43%) tem de 3 a 7 anos, 15 (20,5%) tem de 7 a 10 anos, 11 (15%) tem de 1 a 3 anos, 11 (15%) tem acima

de 10 anos, 4 (5,5%) tem de 6 meses a 1 ano, e 1 (1%) tem até 6 meses de vida. A maioria dos tutores alega saber o que é humanização (60 tutores – 82%).

A obesidade é mais comum nas fêmeas do que nos machos, devido menor concentração de hormônios androgênicos, sendo que nelas as taxas metabólicas são menores, tendendo ao aumento de peso (LIMA, 2019). Já com relação à idade, A obesidade canina em relação a idade tem uma incidência com a idade do tutor, vez que crianças e idosos costumam oferecer alimentos aos cães sem conhecimento da recomendação ou não (ALCANTARA, 2014). Além disso, com o avanço da idade os animais podem diminuir a taxa metabólica, o que diminui o nível de atividade física também e consequentemente influencia no ganho de peso (PORSANI, 2019).

Conforme demonstra a tabela 1, 22 (30%) tutores praticam atividade física esporadicamente, e 16 (22%) não pratica nenhuma atividade física. Sobre os pets, 29 (40%) tutores responderam que seu pet pratica atividade física esporadicamente, e 17 (23%) que seu pet não pratica nenhuma atividade física. Esses dados apontam que mais da metade dos tutores (38 – 52%) e seus pets (46 – 63%) estão em estado de sedentarismo.

Tabela 1. Tabela representando a frequência e porcentagem sobre as perguntas “Tutor: você pratica atividade física?” e “O pet pratica atividade física?”

	Sim, todos os dias	Sim, regularmente	Sim, esporadicamente	Não, nenhuma
Tutor	13 (18%)	22 (30%)	22 (30%)	16 (22%)
Pet	11 (15%)	16 (22%)	29 (40%)	17 (23%)

Fonte: Autor,(2023).

Segundo Gomes (2020), o exercício físico é importante para reequilibrar os níveis de energia ingerida, existindo diversos meios de se realizar, como: caminhada, natação e corrida, levando sempre em consideração as condições metabólicas, cardiovasculares e osteomusculares do animal.

Conforme demonstra a tabela 2, 44 (60%) tutores consideram estar no peso ideal, e 27 (37%) consideram estar acima do peso. Sobre os pets, 57 (78%) tutores consideram que o pet está no peso ideal, e 16 (22%) consideram que o pet está acima do peso.

Tabela 2. Tabela representando a frequência e porcentagem sobre as perguntas “Tutor: qual o seu escore corporal?” e “Qual o escore corporal do pet?”

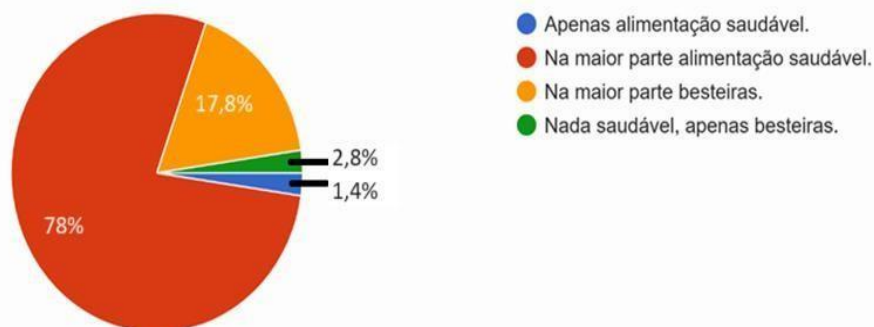
	Abaixo do peso	No peso ideal	Acima do peso
Tutor	2 (3%)	44 (60%)	27 (37%)
Pet	0 (0%)	57 (78%)	16 (22%)

Fonte: Autor,(2023).

Mesmo apenas 16 (22%) cães serem considerados acima do peso por seus tutores na pesquisa, Marcusso et al. (2020) afirma que os tutores tem dificuldade de reconhecer a obesidade nos seus pets. Jerico, Neto, Kogika (2015) afirmam que o erro ao interpretar a condição corporal do animal dificulta e limita as ações preventivas e corretivas no manejo do animal obeso, por muitas vezes subestimarem o peso e também a gravidade.

Conforme demonstra o gráfico 1, 57 (78%) tutores consomem alimentos saudáveis na maior parte do tempo, 13 (17,8%) consomem besteiras na maior parte do tempo, 2 (2,8%) possuem alimentação nada saudável e consomem apenas besteiras, e 1 (1,4%) consomem apenas alimentos saudáveis. Portanto, 58 (79,4%) tutores têm alimentação saudável e 15 (20,6%) têm alimentação não saudável. Considerando besteiras como aqueles alimentos incapazes de fornecer ao organismo as quantidades e os nutrientes necessários para o seu bom funcionamento.

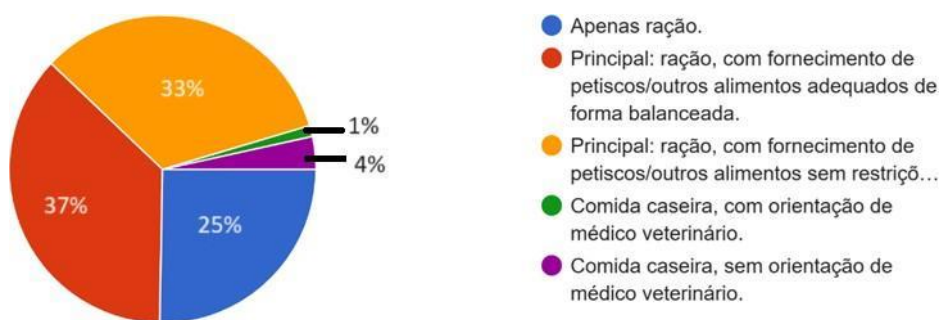
Gráfico 1. Gráfico representando a porcentagem sobre a pergunta “Tutor: como é a sua alimentação?”



Fonte: Autor,(2023).

Conforme demonstra o gráfico 2, 27 (37%) tutores afirmam que o pet tem a ração como principal alimento e que fornece petiscos adequados de forma balanceada, 24 (33%) afirmam que a ração é o principal alimento e que fornece petiscos sem restrições, 18 (25%) afirmam que oferecem apenas ração, 3 (4%) afirmam que tem como principal alimento a comida caseira e sem orientação médica, 1 (1%) afirma que tem como principal alimento a comida caseira e com orientação médica. Portanto, 27 (37%) tutores afirmam que oferecem alimentação ao pet sem restrições ou orientação do médico veterinário.

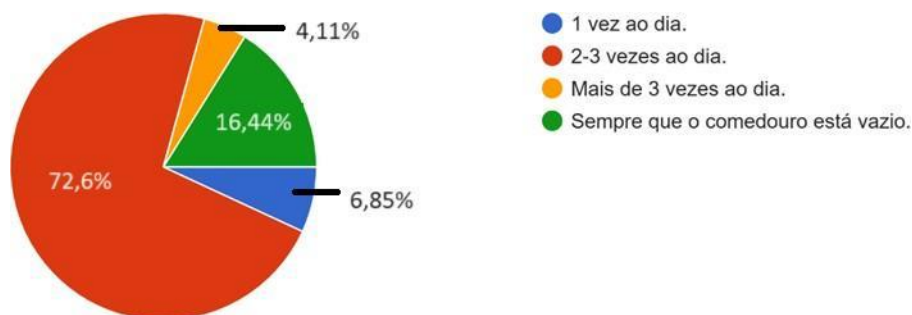
Gráfico 2. Gráfico representando a porcentagem sobre a pergunta “Como é a alimentação do pet?”



Fonte: Autor,(2023).

Conforme demonstra o gráfico 3, 53 (72,6%) tutores responderam que fornecem alimento ao pet de duas a três vezes ao dia, 12 (16,44%) sempre que o comedouro está vazio, 5 (6,85%) uma vez ao dia, e 3 (4,11%) mais de três vezes ao dia.

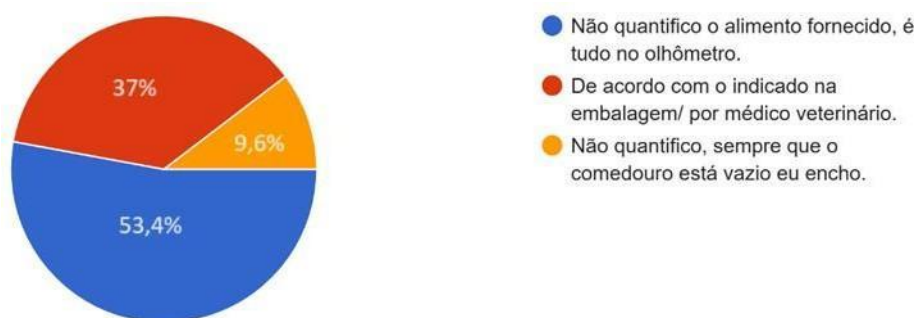
Gráfico 3. Gráfico representando a porcentagem sobre a pergunta “Como é fornecido o alimento principal para o pet?”



Fonte: Autor,(2023).

Conforme demonstra o gráfico 4, 39 (53,4%) tutores não quantificam o alimento que fornecem ao pet e fornecem de acordo com o “olhômetro” (medida baseada apenas na observação visual, sem precisão nenhuma), 27 (37%) quantificam de acordo com o indicado na embalagem/ por médico veterinário, e 7 (9,6%) não quantificam e enchem o comedouro sempre que notam vazio. Esses dados apontam que mais da metade dos tutores (46 - 63%) fornecem alimento ao pet sem quantificar de acordo com o recomendado diariamente.

Gráfico 4. Gráfico representando a porcentagem sobre a pergunta “Como você quantifica o alimento fornecido ao pet?”



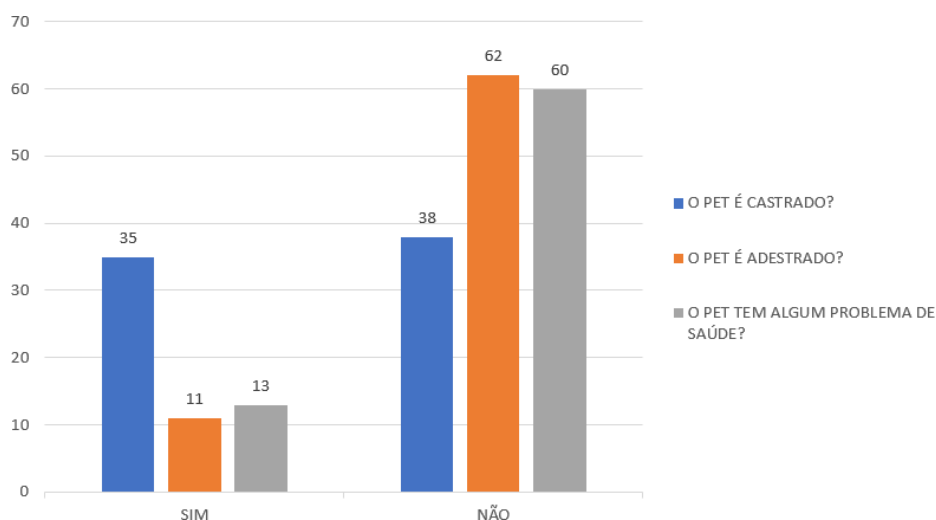
Fonte: Autor,(2023).

O tipo de alimentação tem influência no desenvolvimento e surgimento da obesidade nos cães, pois petiscos em excesso, sobras de alimentos e a quantidade ofertada de forma errônea tem alto impacto na condição corpórea desses animais, assim como na manutenção da saúde (JUNIOR et al., 2019), sendo que uma dieta balanceada e adequada às exigências do animal é importante e indispensável para um bom estado nutricional, seja ela a base de ração ou comida caseira (MARQUES; BRUNELLI; FAVARO, 2020), por isso a importância de

seguir o recomendado na embalagem da ração ou seguir as orientações do médico veterinário nutricionista (em caso de dietas caseiras).

Conforme demonstra o gráfico 5, de acordo com a resposta dos tutores entrevistados, sobre castração: 35 (47,9%) pets são castrados e 38 (52,1%) não são castrados; sobre adestramento: 11 (15%) pets são adestrados e 62 (85%) não são adestrados; sobre possuir algum problema de saúde: 13 (18%) pets tem problemas de saúde e 60 (82%) não possuem problemas de saúde.

Gráfico 5. Gráfico representando a frequência sobre as perguntas “O pet é castrado?”, “O pet é adestrado” e “O pet tem algum problema de saúde?”



Fonte: Autor,(2023).

Silva et al. (2016) cita a castração como uma situação que possibilita o surgimento da obesidade, sendo que muitos estudos apontam que essa influência ocorre devido diminuição da taxa metabólica do animal, sendo que sua ocorrência é diferente entre fêmea e macho: na fêmea a ausência do hormônio sexual tende a desenvolver polifagia e como consequência disso um balanço energético positivo; já no macho, a ausência do hormônio sexual normalmente afeta negativamente sua atividade sexual e também diminui seus exercícios físicos. Após a castração é requerido o monitoramento do peso para prevenir a obesidade, sendo recomendada a pesagem no momento da castração, 2, 4 e 12 semanas após a cirurgia, e depois a cada 6 meses. Assim, se for necessário, faz-se reajustes no manejo nutricional caso necessário (GERMAN, 2016),

sendo que cães são considerados obesos quando ultrapassam 30% de gordura corporal da sua composição total (KIPPERMAN; GERMAN, 2018).

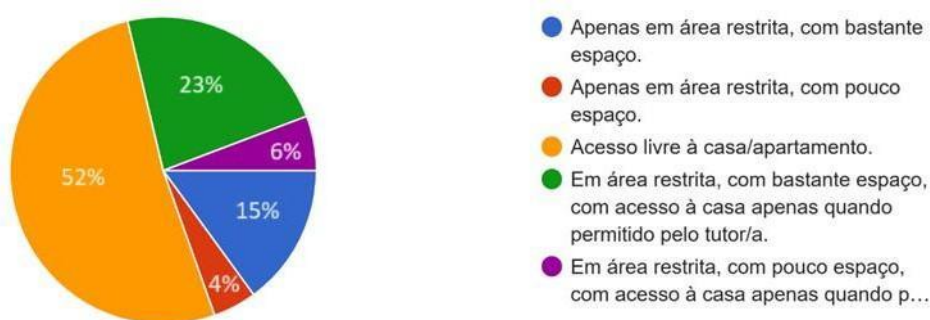
Raileanu, Teixeira (2015) diz que a hierarquia do contato homem-animal é feita de maneira que o animal aprenda a identificar o líder da casa (o homem), sendo que o adestramento possibilita de forma mais fácil esse relacionamento.

Segundo Kipperman, German (2018), a correlação da obesidade com outras doenças é relatada por vários autores, como diabetes mellitus, doenças do trato urinário, cardiorrespiratórias, ortopédicas, dermatológicas, dificuldade respiratória, hipertermia, câncer, resistência insulínica e aumento do status inflamatório.

Dos tutores entrevistados, 65 (89%) residem em casa na cidade, 4 (5,5%) em apartamento, e 4 (5,5%) na zona rural. 71 (97,3%) tutores residem com outras pessoas, e apenas 2 (2,7%) residem sozinhos. 43 (59%) tem outros animais em casa, e 30 (41%) tem apenas um cão.

Conforme demonstra o gráfico 6, 38 (52%) dos tutores responderam que o pet vive com acesso livre à residência; 17 (23%) que o pet vive em área restrita, com bastante espaço e acesso à casa apenas quando permitido; 11 (15%) que o pet vive apenas em área restrita e com bastante espaço; 4 (6%) que o pet vive em área restrita, com pouco espaço e acesso à casa apenas quando permitido; e 3 (4%) que o pet vive apenas em área restrita e com pouco espaço.

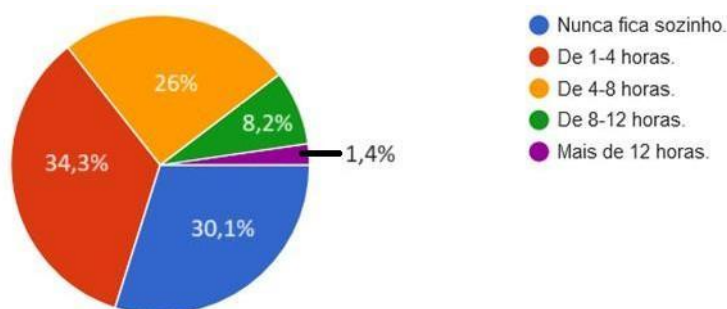
Gráfico 6. Gráfico representando a porcentagem sobre a pergunta “Como o pet vive nesse ambiente?”



Fonte: Autor,(2023).

Conforme demonstra o gráfico 7, de acordo com a resposta dos tutores sobre o tempo que os pets ficam sozinhos por dia, 25 (34,3%) ficam de uma a quatro horas, 22 (30,1%) nunca ficam sozinhos, 19 (26%) ficam de quatro a oito horas, 6 (8,2%) ficam de oito a doze horas, e 1 (1,4%) fica mais de doze horas.

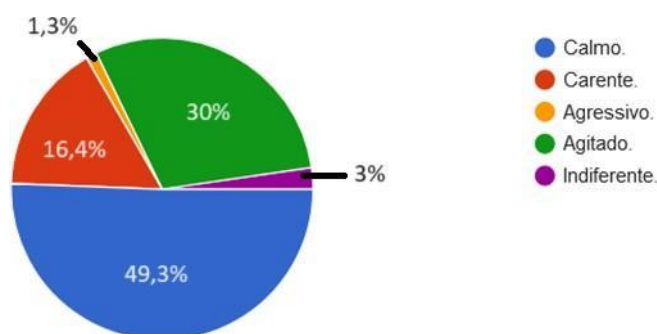
Gráfico 7. Gráfico representando a porcentagem sobre a pergunta “O pet fica muito tempo sozinho no dia?”



Fonte: Autor,(2023).

Conforme demonstra o gráfico 8, de acordo com a resposta dos tutores, 36 (49,3%) dos pets são calmos, 22 (30%) são agitados, 12 (16,4%) são carentes, 2 (3%) são indiferentes, e 1 (1,3%) são agressivos.

Gráfico 8. Gráfico representando a porcentagem sobre a pergunta “O pet é:”



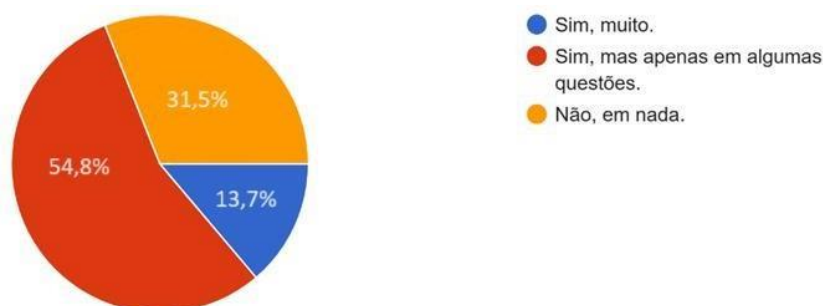
Fonte: Autor,(2023).

Segundo Borges (2013), o ambiente em que os cães vivem hoje em dia contraria a sua natureza, fazendo com que esses animais desencadeiem comportamentos novíços, como dependência dos tutores. Um dos fatores é a convivência entre o cão e o tutor, que tem sido muito próxima, criando na maioria das vezes um certo apego social e emocional não saudável (SABLE, 2013). Além disso, a metragem do espaço em que esse animal vive e o tempo em que o mesmo permanece nesse local também pode fazer com que ele desenvolva distúrbios, como a SAS, agressividade, carência, agitação e outros tipos de comportamentos indesejáveis. Oliveira (2019) cita que um método básico para ajudar o animal a não desenvolver comportamentos indesejados é o enriquecimento ambiental, além de ser um método de

profilaxia a doenças relacionadas ou não ao comportamento, pois segundo Arruda et al. (2019), cães em instalações inadequadas são privados de expressar seu comportamento natural, comprometendo sua liberdade ambiental, comportamental e psicológica, e levando a um conseqüente baixa grau de bem-estar.

Conforme demonstra o gráfico 9, 40 (54,8%) tutores afirmam humanizar o cão apenas em algumas questões, 23 (31,5%) afirmam não humanizar o cão, e 10 (13,7%) afirmam humanizar muito o cão. Esses dados apontam que mais da metade (50 – 68,5%) dos entrevistados humanizam seus cães.

Gráfico 9. Gráfico representando a porcentagem sobre a pergunta “Na sua opinião, você humaniza o seu pet?”



Fonte: Autor,(2023).

Lira (2018) cita que esse fenômeno chamado humanização pode ser notado não só nas casas, mas também nas ruas, onde os tutores passeiam com seus cães com roupas e acessórios totalmente dispensáveis à sua condição. Assim como aponta uma pesquisa feita pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas em todas as capitais brasileiras, que demonstrou que 40,8% dos pets (cães e gatos) possuem perfis em redes sociais (outra situação totalmente dispensável à condição da espécie).

Conforme demonstra o gráfico 10, 38 (52%) dos tutores que acreditam humanizar o cão, afirmaram achar prejudicial dependendo da questão, mas que não é o caso deles; 23 (32%) não acham prejudicial, visto que estão muito bem (cão e tutor); 9 (12%) acham prejudicial e estão dispostos a buscar conhecimento e mudar; e 3 (4%) acham prejudicial, mas não estão dispostos a mudar.

Gráfico 10. Gráfico representando a porcentagem sobre a pergunta “Se na sua opinião você humaniza o seu pet, o que acha sobre isso?”



Fonte: Autor,(2023).

Nota-se que dentre os entrevistados que praticam a humanização, a taxa dos que estão dispostos a buscar conhecimento sobre o tema e mudar, é baixa. Conforme cita Marcondes (2017), o papel do médico veterinário é fundamental nesse cenário de informar e conscientizar o tutor baseado em ciência, para que o mesmo não se baseie em informações infundadas.

6. Considerações finais

Conforme a pesquisa realizada, pode-se verificar que a taxa de tutores sedentários é similar a dos pets, mostrando como o estilo de vida do tutor influencia também no estilo de vida do animal. Vê-se que os tutores não abordam com seriedade meios básicos existentes para prevenir a obesidade e conseqüentemente outras doenças, como o fornecimento adequado do alimento ao animal, pois a maioria o fornece sem restrições. Pode-se observar a consciência de que a maioria dos tutores entrevistados praticam o fenômeno da humanização, porém, uma taxa pequena está disposta a buscar conhecimento sobre o assunto em prol do animal. Diante desse fato, reitera-se o indispensável papel do médico veterinário dentro da sociedade, difundindo conhecimento e informações verídicas à população. Porém, o fato de uma minoria estar disposta à mudança, mostra que o médico veterinário não resolverá esse problema sozinho, fazendo-se indispensável o tutor como responsável quando da posse de um animal, ter a consciência do dever de buscar conhecimento, caso contrário estará ferindo os princípios de liberdade que a espécie canina necessita. Pode-se inferir que algumas práticas de humanização podem não ser malélicas para o bem estar canino, desde que o objetivo de tal ação seja de fato o bem-estar animal e não o bem-estar próprio, e desde que o tutor saiba dosar essa aproximação com o animal, sabendo reconhecer as características específicas da espécie e diferenciá-las das características humanas, para assim manter o bem-estar coletivo (homem e animal).

Referências

ABINPET. Associação brasileira de indústrias de produtos para animais de estimação, Mercado Pet. **APINPET**. Disponível em: <<http://abinpet.org.br/mercado/>> Acesso em: 26 de agosto de 2021.

AGUIAR, M. S.; ALVES, C. F. **A família multiespécie: um estudo sobre casais sem filhos e tutores de pets**. Pensando fam., Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 19-30, dez. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2021000200003>. Acesso em: 02 out 2023.

ALCÂNTARA, M. V. Estudo de fatores de risco de excesso de peso e obesidade em cães com mais de 5 anos: estudo de 145 casos. Faculdade de Medicina Veterinária – **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**. Lisboa/ Portugal, 2014.

ALMEIDA, J.R; PAZ, C. E. D. O.; OLIVEIRA, M. R. Cinoterapia: a importância do vínculo entre cães e humanos, uma revisão sistemática. Porto: Psicologia. pt–**Website do O Portal dos Psicólogos**, 2020.

APTEKMANN, K.P; SUHETT, W.G; JUNIOR, A.F.M; SOUZA, G.B; TRISTÃO, A.P.P.A; ADAMS, F.K; AOLI, C.G; JUNIOR, R.J.G.P; CARCIOFI, A.C; TINUCCI-COSTA, M. Aspectos nutricionais da obesidade canina. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 44, n. 11, p. 2039-2044, 2014.

ARRUDA, E.C.; NORONHA, J.; MOLENTO, C.F.M.; GARCIA, R.C.M.; OLIVEIRA, S.T. Características relevantes das instalações e da gestão de abrigos públicos de animais no estado do Paraná, Brasil, para o bem-estar animal. **Arquivo Brasileiro Medicina Veterinária Zootecnia**, v. 71 n. 1, jan./fev. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-09352019000100232&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 02 out. 2023.

BACAN, Renan Fernando et al. Síndrome de ansiedade de separação em cães: uma revisão sistemática. Trabalho de Conclusão de Curso (Zootecnia). **UFSC**. 2021.

BIANCHI, R. C. Cães-domésticos em comunidades naturais. Jaboticabal, 2020. 119p. Tese (Livre-docência) - **Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**.

BORGES, L. N.P. M. Fatores relacionados à obesidade em cães: uma revisão introdutória. 2013. 35 f. Monografia - **Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Brasília**, Brasília DF, 2013.

BOTIGUE, L. R; SONG, S, SCHEU, A; GOPALAN, S, PENDLETON, A.L; OETJENS, M, TARAVELLA, A.M; SEREGELY, Y, LANZ, A.Z; ARBOGAST, R.M; BOBO, D; DALY, K; UNTERLANDER, M; BURGUER, J; KIDD, J.M; VEERAMAH, K.R. Ancient European dog genomes reveal continuity since the Early Neolithic. **Nature communications**, v. 8, n. 1, p. 1-11, 2017.

CHAER, G.; DINIZ, R.; RIBEIRO, E.A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf>. Acesso em 02 out. 2023.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS. Análise do mercado pet 2017. **CNDL**. Brasília, 2017. Disponível em <file:///C:/Users/thayn/Downloads/Analise_Mercado_Pet_Setembro_2017.pdf> Acesso em 02. Out. 2023.

CROSSMAN, M. K. 2017. Effects of interactions with animals on human psychological distress. **Journal of Clinical Psychology**, 73, 761-784.

DALL'AGNOL, L.S. Humanos e não-humanos: o aprendizado de novas sensibilidades e responsabilidades em nossas relações de estimação. 2016.113f. Dissertação (Mestrado) – **Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/8433>>. Acesso em 02 out 2023.

DIAS, B.M.C.; COLE, E.F.; LIMA, E.; FUKAHORI, F.L.P.; SILVA, V.C.L.; RÊGO, M.S.A. **Ansiedade de separação em cães**. Revisão. *Medicina Veterinária*, Recife, v.7, n.3, p.39-46, 2013.

FELIZOLA, C. Veterinários alertam que tratar bichos como gente pode causar problemas. **Entrevista com veterinário no Portal G1**. 2015. Disponível em <<https://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/04/veterinarios-alertam-que-tratar-bichos-como-gente-pode-causar-problemas.html>> Acesso em 02 out. 2023.

FRANTZ, L. A. F; MULLIN, V.E; CAPITAN, M.P; LEBRASSEUR, O; OLLIVIER, M; PERRI, A; LINDERHOLM, A; MATTIANGELI, V; TEASDALE, M.D; LARSON, G. Genomic and archaeological evidence suggest a dual origin of domestic dogs. **Science**, v. 352, n. 6290, p. 1228-1231, 2016.

GERMAN, A. J. Elsevier, Leahurst: **Obesity Prevention and Weight Maintenance After Loss**, 2016a. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2016.04.011>>. Acesso em: 18 set. 2019.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: **Atlas**, 2008.

GÓES, E.T; MARUCO, F.O.R.; SILVA, V.D.S.T. A Implementação da Lei Geral de Proteção de Dados no Exercício Profissional na Área da Saúde. **Revista Jurídica On-line**, v. 1, n. 1, p. 6-21, 2021.

GOMES, R. M. Implicações da obesidade na saúde canina e estratégias terapêuticas. **Universidade de Coimbra**. Coimbra/Portugal, 2020.

GRAMA, K.S; CORNELIO, L.A.S; CREADO, R.S.R. Antropomorfismo dos Animais Domesticos. **Revista Jurídica On-line**, v. 1, n. 1, p. 35-45, 2021.

JERICÓ, M.M.; NETO, J.P.A.; KOGIKA, M.M. Tratado de medicina interna de cães e gatos. **Editora ROCA**. 2015.

JÚNIOR, A. G.A.; CAPELLA, S.O.; PINEIRO, M.B.C.; NOBRE, M.O. Obesidade: compreendendo esse desequilíbrio orgânico em cães e gatos. **Faculdade de veterinária e programa de pós-graduação em veterinária da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas/SC, 2019.

Kipperman B.S., German A.J. The Responsibility of Veterinarians to Address Companion Animal Obesity. **Animals**. 2018;8:143. doi: 10.3390/ani8090143.

LIMA, I. C. A obesidade canina e a relação comportamental com o tutor. **Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – UNICEPLAC**. Gama/DF, 2019.

LIRA, Patricia Avaliação do comportamento social de cães que frequentam o “ParCão” do Parque Dona Lindu na Zona Sul do Recife-PE. 2018. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Zootecnia) - **Departamento de Zootecnia, Universidade Federal Rural de Pernambuco**, Recife, 2018.

Machado, C. S. (2016). Antropomorfização: Prós e Contras. **Salão Do Conhecimento UNIJUÍ** 2016, Disponível em <<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/6617>>. Acesso em 02 out. 2023.

MARCONDES, M. Uma dose de boas práticas, por favor: médicos-veterinários, tutores e internet são personagens que podem mudar a vida de um pet quando o assunto é vacinação: é essencial valorizar o real e duvidar do viral. **Revista Cães e Gatos**. v. 33 n. 219, p. 26, 2017.

MARCUSSO, P. F.; SILVA, M.O.; GOULART, J.C.; CUNHA, M.G.A.P.; MERLIN, N.B. Alterações hematológicas e bioquímicas de cães e gatos com sobrepeso e obesos. **Veterinária e Zootecnia**. São Paulo/SP, 2020.

MARQUES, B. P.; BRUNELLI, S. R.; FAVARO, L. L. Obesidade em cães: causas e consequências – revisão de literatura. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**. Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. Itapeva/MG, 2020.

MILLAN, C. Guia rápido para um cão feliz: 98 dicas e técnicas essenciais. Campinas, SP: **Verus**, 2013.

APIPA. Passeio diário com o cachorro: a importância desta prática. **Associação Piauiense de Proteção e Amor aos Animais**. 2020. Disponível em: <<https://www.apipapiaui.org/post/passeios-di%C3%A1rios-import%C3%A2ncia-desta-pr%C3%A1tica-para-o-cachorro>>. Acesso em: 02 out. 2023.

OLIVEIRA, K. S. e colaboradores. Manual de boas práticas na criação de animais de estimação: cães e gatos. **Manual CIR Gráfica e Editora**. Goiânia, 2019. Disponível em: <[Manual_de_Boas_Praticas_online.pdf \(abinpet.org.br\)](#)>. Acesso em 02 out. 2023.

ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL. Pesquisa da campanha “a vida é melhor com cães”. **Pesquisa Org World Animal Protection**. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.worldanimalprotection.org.br>> Acesso em: 02 out. 2023.

OVERALL, K. L. **Manual of Clinical Behavioral Medicine for Dogs and Cats**. Saint Louis: Elsevier, 2013. 812 p.

PACHECO, S.A. As consequências da humanização para o bem-estar canino. Trabalho de Conclusão de Curso em Medicina Veterinária. **UFRGS**. 2021.

PAIXÃO, R.L.; MACHADO, J.C. Conexões entre o comportamento do gato doméstico e casos de maus-tratos, abandono e não adoção. **Revista Brasileira de Direito Animal** 10 (20): 137-168. 2015.

PORSANI, M. Y. Obesidade canina: um estudo de prevalência no município de São Paulo – SP. **Programa de Pós-Graduação em Clínica Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo**. São Paulo/SP, 2019.

PROVIDELO, G.A.; TARTAGLIA, G.M.B. Influência da humanização na saúde dos animais de companhia. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 11, n. 3, p. 51-51, 11, 2013. Disponível em: <<https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/17413>>. Acesso em: 02 out. 2023.

RAILEANU, Y. A.; TEIXEIRA, C. M. C. Comparativo do comportamento social entre cães e humanos. **Atlas de Saúde Ambiental**, dez. 2015, v. 3, n. 3 p. 48-63. Disponível em: <<http://revistas.bvs-vet.org.br/asa/article/view/31675/35132>> Acessado em: 02 out. 2023.

SABLE, P. The pet connection: An attachment perspective. **Clinical Social Work Journal** 41; 93-99. 2013.

SCHOENEBECK, J.J.; OSTRANDER, E.A. The genetics of canine skull shape variation. **Genetics**, v. 193, n. 2, p. 317-325, 2013.

SILVA, S. F.; Brito, A. K. F.; Freire, B. A. A.; Sousa, L. M.; Pereira, I. M. Obesidade canina: Revisão. **PUBVET**, 11(4):313-423. 2016.

SOARES, G. Dominância canina. 2014. **Blogspot do médico veterinário que trabalha no tratamento e no estudo de distúrbios de comportamento em cães e gatos**. Disponível em: <<http://comportamentoanimal.blogspot.com/2014/05/dominancia-canina.html>>. Acesso em: 02 out. 2023.

WALLER, B.M.; PEIRCE, K.; CAEIRO, C.C.; SCHEIDER, L.; BURROWS, A.M.; MCCUNE, S.; KAMINSKI, J. Paedomorphic Facial Expressions Give Dogs a Selective

Advantage. **PLoS One**, [s. 1.], 2013. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3873274/>>. Acesso em: 02 out. 2023.

WAYTZ, A.; CACIOPPO, J.; EPLEY, N. Who Sees Human? The Stability and Importance of Individual Differences in Anthropomorphism. **Perspect Psychol Sci**, [s. 1.], 2014. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4021380/>>. Acesso em: 02 out. 2023.